



# Porandubas

TODO MUNDO  
NA FESTA DA  
DERDIC!  
DIA 14/6



Boletim Interno da PUC-São Paulo. Ano IV Junho Sala de Comunicação

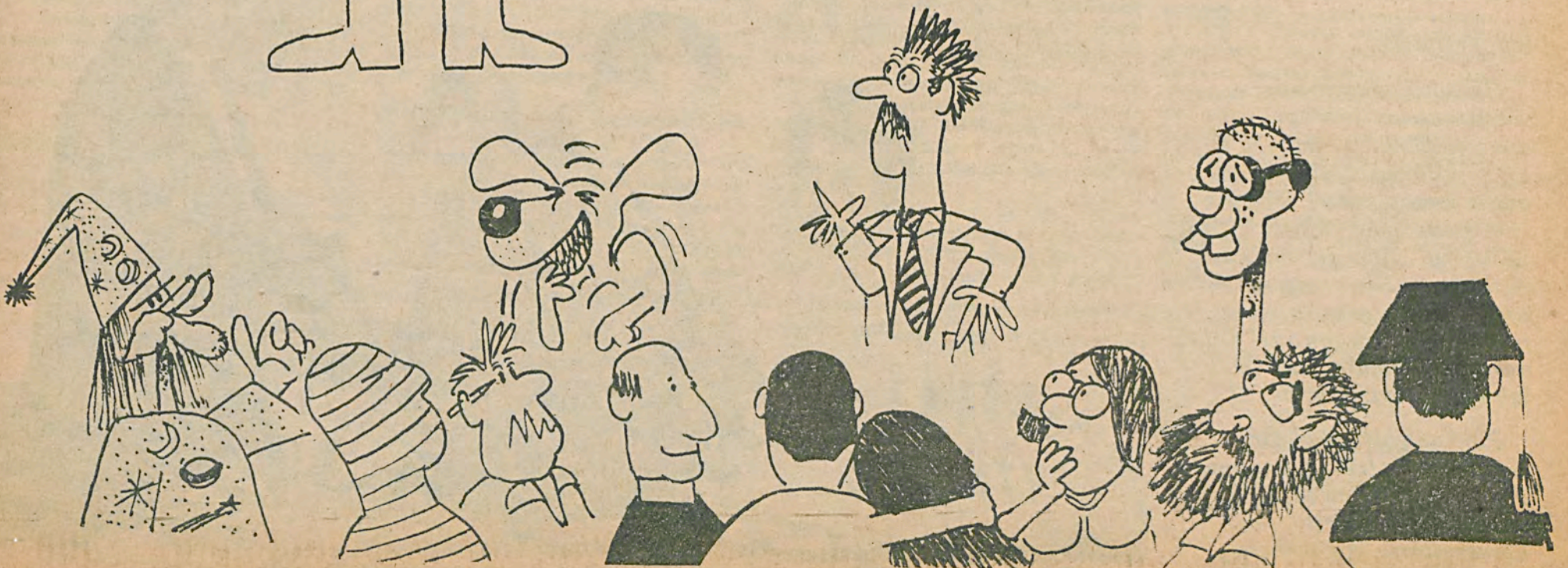
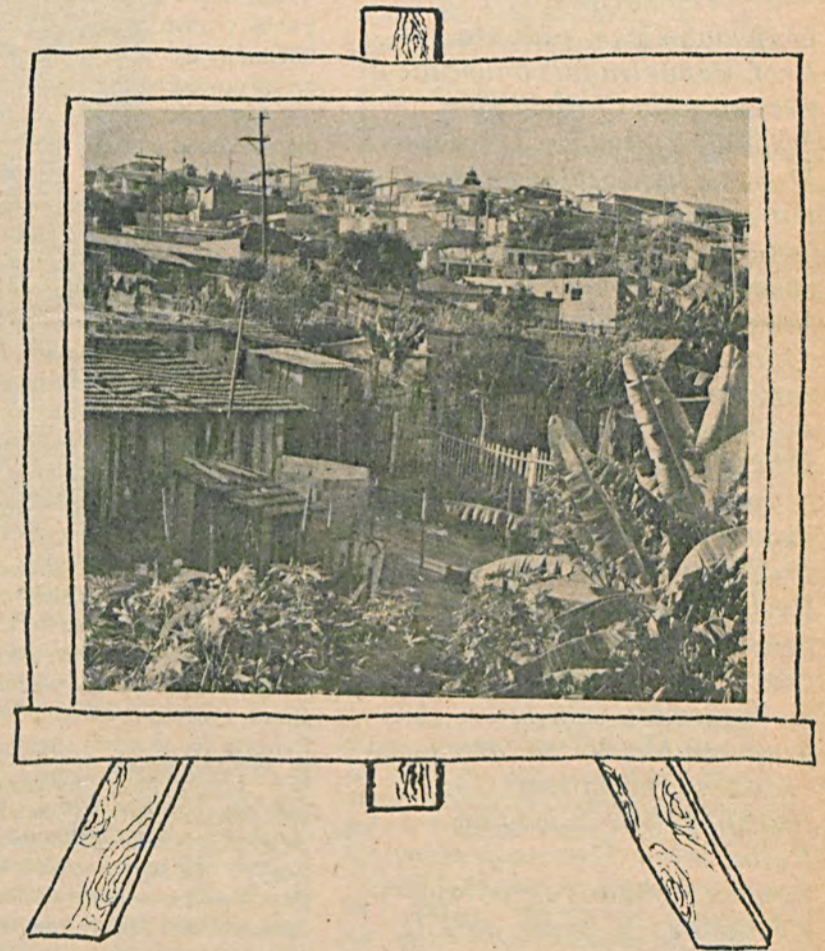
30

**PUC — CAMPUS EM OSASCO pg. 6**

**Doutor Bandeira pg 2**

**José Dirceu volta à escola pg 3**

**Milhões de Notícias pg 10**



## Editorial

## Um Homem.

*Dia 18 de maio faleceu um Homem. A suspensão das aulas, o luto oficial da PUC, a tristeza geral indicavam que se tratava de alguém importante porque querido. As novas gerações talvez não saibam que a história da PUC de hoje, em seus lances de maior dignidade, se confunde com a vida deste velhinho lúcido, sereno e forte.*

*Dr. Osvaldo Aranha Bandeira de Mello foi um dos fundadores da nossa Faculdade de Direito - uma das bases da futura PUC - tendo sido seu 1º professor de Direito Civil. De 1964 a 1972 ocupou a Reitoria, após muita insistência do Card. Motta.*

*Tudo começou com a PUC ocupada pelos estudantes. O Prof. Bandeira foi convocado às pressas pelo Cardeal para resolver a situação. O campus Monte Alegre estava cercado por viaturas policiais, prontas a "adentrar vitoriosamente o recinto". Acompanhado do Pe. Enzo, o Prof. Bandeira conversava com os delegados, seus ex-alunos, e garante que tudo se resolverá. Logo fica sabendo que a razão da ocupação é que os estudantes estavam insatisfeitos com a presença de um Bispo na Reitoria, já que o prelado estava naturalmente envolvido com sua prática pastoral. O mediador tão bem se desincumbiu de sua tarefa que - não sem relutâncias - foi transformado no primeiro Reitor leigo. Em sua gestão foram ampliadas as instalações e o número de vagas; a PUC deixou de ser um aglomerado de cursos e ganhou nova feição universitária.*

*Doutor Bandeira foi sobretudo um defensor apaixonado da autonomia universitária, acolhendo no quase-inaugurado TUCA a "perigosa" peça "Morte e Vida Severina", além de não ceder perante um Sistema que pretendia "sugerir" professores, "pesquisar" fichas de alunos, "doutrinar" lideranças estudantis.*

*Por tudo o que fez, Dr. Bandeira contribuiu para que a PUC seja hoje um espaço de autonomia e espírito universitário. A ele nossa eterna gratidão.*

## DR. BANDEIRA

## PROF. CELSO ANT. BANDEIRA DE MELLO (Filho do Dr. Bandeira)

"Não é possível distinguir meu pai de minha mãe: eles namoraram desde quando ele tinha 14 anos e ela 12. Assim, eles se formaram juntos. Minha mãe era toda coração, foi a pessoa mais aberta que já vi e sua personalidade permeou inteiramente meu pai. Nós, os irmãos, comentávamos no enterro de meu pai que só naquele momento percebíamos que nossa mãe tinha morrido, o que aconteceu ano passado. Meu pai faleceu porque lhe faltou a presença de minha mãe.

Ele tinha uma visão profundamente humana das coisas. Acima de tudo, não deu valor às coisas materiais, às conquistas da vida social: essas coisas ficavam abaixo de uma profunda noção de amor, que marcou a todos os filhos.

Meu pai nunca transigiu com as coisas sérias. Ele ajudou a muitas pessoas, mas só viemos a sabê-lo quando elas nos vinham contar, no enterro. Na véspera mesma de sua morte, minha filha havia comentado: "Vovô não é velho, porque que ele não estranha o novo, é capaz de aceitar posições diferentes das dele. Vovô é a pessoa mais lúcida que conheci!".

Em nossa casa, era comum o debate, até acalorado entre os filhos e ele. Meus colegas até estranhavam, pois havia muita distância entre os pais naquela época. Nós o tratávamos de "você", o que criou um clima de abertura aliada ao respeito.

Sua presença no pensamento jurídico foi marcada pelo respeito pela opinião alheia: nunca se preocupou em ser aplaudido e ficava tranquilo diante de certos disparates e ignorância jurídica com que era obrigado a conviver. Era um dos que mais debatia, mas nunca menosprezava: "para criar, é preciso divergir" dizia ele. Para ele não existia o "magister dixit" visto que ele se impunha por seus valores.

Meu pai sempre teve adoração pela PUC. Ele pensava que a PUC e a Fac. Direito deviam se afirmar por seus valores e não pela distância dos professores que ocupavam a cátedra frente a seus alunos. Sua Reitoria deu-se numa época de torturas, em que as autoridades vinham tomar informações aqui sobre os alunos: pois teve de contornar situações, dar tempo para os alunos fugirem. Ele nunca apoiou o Golpe, apesar de ser hábil e se impôs diante de pessoas do Governo que foram seus alunos. Ele não transigia: um grande Desembargador fora aposentado em base ao AI-5 e naquele momento de adesão ele se levantou e proferiu um discurso de protesto.

Sua obra jurídica é de primeira linha no plano internacional, com profunda base filosófica aristotélico-tomista. Sua cultura jurídica foi tão espantosa que ele conhecia todas as obras recém-saídas em todas as especialidades: nunca deixou de ler a vida inteira.

Sua obra monumental foi ter criado uma família unida. Nós somos 5 irmãos que nos amamos profundamente."

"O MESTRE BANDEIRÃO"  
(por seus alunos)

"Morreu o último romântico. É uma pena que mestres desse quilate estão cada vez mais escassos. Assim vão sendo formadas gerações de juristas incompletos, perfeita mão-de-obra das multinacionais. O Bandeirão é uma perda irreparável pois ele chamava a turma para a realidade (Renê - 3º ano)

"Perdemos um grande mestre. O Bandeirão colocava suas experiências à disposição dos alunos, estava sempre preocupado em formar jurista e não profissionais teóricos, sem contato com a realidade. Ele era um exemplo para nós pois nos passava sua experiência vivida. A grande lacuna da sua perda será difícil de ser preenchida e isso deixa um medo quanto ao nosso futuro" (Angélica 4º ano)

"O Bandeirão era um amigo, mais que um professor. Entre tantos, logo ele foi partir... vai fazer muita falta" (Ana Amélia 4º ano)

"Apesar dos cargos altos que ocupava, o Bandeirão era uma pessoa muito aberta a diálogos com a gente e se aprendia muito com ele" (Lia 3º ano).

"Por iniciativa dos alunos do 3º ano-A, está correndo uma lista para colher assinaturas a fim de prestar uma homenagem ao Mestre Bandeira, dando o seu nome à sala 222. Apesar de entraves burocráticos, esta iniciativa há de vingar" (Comissão de Classe)

Prof.ª NADIR KFOURI  
(Reitora)

"O Dr. Bandeira foi das pessoas mais cordiais que conheci na PUC, o que explica o amor que todos tínhamos por ele. Estava sempre disponível; nunca se negou a comparecer a qualquer reunião a que o convocássemos. Sentimos muito a perda daquele que além de ser um professor emérito foi também um amigo.

No espaço de poucos dias, esta foi a segunda tristeza que tivemos, após a perda do

Prof. Pedro Calil, que ao lado do Dr. Bandeira tinha uma qualidade preciosa: um profundo sentido humano nas relações com as pessoas.

Finalmente assinalaria que foi durante as duas gestões do Dr. Bandeira como Reitor que a PUC tomou forma definitiva e devido à sua coragem é que se implantou nossa Reforma Universitária."

Prof.ª SÍLVIA PIMENTEL  
(Diretora do Centro  
Ciências Jurídicas)

"Sempre me impressionou a presença participante do Prof. Bandeira na Comunidade Universitária. Fundador da Fac. Direito e seu docente por todos esses anos, sua atuação sempre foi marcada por um sentido global, preocupado com o todo da Universidade. Quando convocado, comparecia de boa vontade às reuniões em que se definiam destinos da PUC e baseado em sua experiência anterior como Reitor, com presença marcante demonstrava seu interesse por esta Universidade e seu futuro, ao invés de se fixar no passado. Durante os debates, sua transbordante afetividade sempre criou um clima de respeito e diálogo entre todos."

SR. POLI (motorista do Dr.  
Bandeira por 10 anos)

"Quem me pôs em contato com Dr. Bandeira foi a Sílvia Lauandos. Para mim, nem meu pai foi igual a ele. Na casa do Dr. Bandeira eu tinha liberdade como na minha própria casa. Eu não o considerava um patrão e sim um pai, devido à sua bondade. Sua esposa, D. Dulce tinha o maior cuidado comigo: quando ela faleceu, ano passado, tive que tomar tranquilizante pois quando entrava na casa deles eu via a imagem dela.

Dr. Bandeira deixou saudade em todos os empregados, sempre brincando muito com a gente, perguntando por todos.

Todos os dias eu o deixava diante do Hospital das Clínicas e ele andava 2 km. por ordem médica, até sua casa, na Av. Rebouças. No dia do enfarte eu vi que ele estava meio sonolento e disse: "Doutor, vai chover, não ande hoje não". Deixei-o em casa e sua última palavra comigo foi: "Poli, vai com Deus e a Virgem".



D. Dulce e Dr. Bandeira em 1965

JOSÉ DIRCEU

# «OLHA EU DE NOVO»

por Bruno Blecher

José Dirceu foi preso em outubro de 68 e banido do país. Numa manhã de outubro de 1979, ele retornou ao Brasil. Em Congonhas, dezenas de companheiros o esperavam. Entre eles, Altino Dantas, que amargou bons anos de cadeia por sua atividade política. Com humor, Altino comentava que "quando o piquenique da abertura acabar, vou propor uma troca: quem pegou cadeia, agora vai para o exílio e vice-versa. Afinal, quero curtir Paris. . ."

Mas Dirceu passou a maior parte do seu tempo de exílio em Cuba. Lá trabalhou em planejamento rural, atividade que pretende retomar aqui no Brasil, depois de terminado o curso de Direito na PUC-SP. Quando o encontramos no Aeroporto ele nos falou de sua satisfação ao ler nos jornais, ainda no exílio, que o seu Centro Acadêmico havia sido recuperado em 76, após 5 anos nas mãos de um grupo de direita, e novamente engajado na luta contra o regime militar.

De fala fácil, com um sotaque caipira que nem mesmo os anos de exílio conseguiram vencer, Dirceu proseguiu com a gente durante quase duas horas, contando-nos a sua experiência no Movimento Estudantil e a sua visão política atual.

**PORANDUBAS:** Quando você chegou à PUC, da 1ª vez?

**DIRCEU:** Foi em 1965. O curso de Engenharia exigia período integral e eu então escolhi o Direito. Meu primeiro impacto, como calouro, foi a presença do Golpe na Universidade: os Centros Acadêmicos foram fechados, a Lei Suplicy foi decretada, havia propostas de ensino pago ao lado do corte de verbas para as escolas particulares.

Por outro lado, era possível sentir a presença marcante da UNE, sua importância primordial para o Movimento Estudantil. Em 65 a UNE estava fechada, seu prédio fora incendiado pela reação no Rio: mesmo assim ela fez seu Congresso e desencadeou campanha nacional contra a Lei Suplicy que estendia à Univ. o cerceamento das liberdades individuais e públicas da cidadania.

**PORANDUBAS:** E como era a Fac. de Direito?

**DIRCEU:** Ah! Era catastrófica. . . A Congregação era reacionária, encabeçada pelo Maneco (mais tarde Vice-Governador do Estado). O Adib, da TFP, dava aulas de Economia e um padre húngaro, exilado e anti-comunista é que dava aulas de Religião. O Galvão, monarquista, era professor de Teoria Geral do Estado. O único que se salvava era o Montoro, tanto no ponto de vista intelectual como jurídico, se não me engano. Naquela época o reitor era o Bandeira, que embora recebesse uma série de pressões, nunca teve uma posição hostil ao nosso Movimento.

**PORANDUBAS:** Como o Centro Acadêmico foi reaberto?

**DIRCEU:** O CA foi reconstruído no bojo da luta contra a Lei Suplicy. A seguir, simplesmente não abrimos o DA, a diretoria assumiu e com verbas e sede se passou para

Após um exílio de 11 anos, volta à PUC o ex-presidente do CA "22 de Agosto" (1967) e um dos líderes do Movimento Estudantil de 68.



1968 - Dirceu, presidente da UEE

o CA. O CA ressurgiu em 1966, com DOPS repressão e ditadura - tínhamos o apoio da maioria dos estudantes da Fac. Direito.

O "22 de Agosto" teve importância fundamental no Mov. Estudantil da PUC e de São Paulo. Havia uma política comum com o CA de Filosofia - USP, com o Grêmio da FAU, CAs de Medicina e de Direito. Exigíamos a revogação da Lei Suplicy e a melhoria do nível de ensino além de nos opormos à ditadura militar.

Houve propostas de boicote total à Lei Suplicy, não participando das eleições do DA. Mas a prática demonstrou que estávamos certos, que era necessário ser flexível: onde não se disputaram as eleições para o DA, a reação acabou ganhando e impedindo a reconstrução do CA. A reação fazia pseudo-oposição ao regime, com propostas políticas enganadoras.

**PORANDUBAS:** Como era a vida do Centro Acadêmico?

**DIRCEU:** Se compararmos com outros CAs, nós tínhamos um aparato considerável. Havia Depto. de apostilas, jornal mensal e uma revista. Promovíamos feiras de livros e mesmo bailes. A Associação Atlética era atuante e o Departamento Jurídico atendia

a pessoas carentes embora não se ligasse aos problemas da periferia, como hoje: era mais um Centro de Treinamento Profissional do estudante. O Movimento Estudantil daquela época aplicava sua força diretamente no Movimento Popular, nos Bairros.

**PORANDUBAS:** A Revolução de Maio, de 68 na França influenciou os estudantes brasileiros? Houve relação entre o clima cultural no Brasil em 1968, época do TUCA, "Morte e Vida Severina", Chico, Vandré, os festivais, e o Movimento estudantil?

**DIRCEU:** Penso que o ME brasileiro não teve nada a ver com os movimentos da Europa. Talvez o único ponto em comum com Marcuse e os anarquistas fossem as idéias libertárias do nosso Movimento. O nosso ME motivou um impulso cultural que procurou romper com uma estrutura moral e depois social e cultural. Uma estrutura que reprimia o estudante através do terrorismo e da censura. Com isso, eram impedidas manifestações de crítica, criatividade, de vanguarda.

Pois o ME rompeu com uma série de tabus morais e sociais, fato que foi usado pela reação para desmoralizar o Mov. Estudantil, incompatibilizando-o com a classe

média. Só para se ter uma idéia, quando o CRUSP foi ocupado, fez-se uma exposição do "material subversivo" lá encontrado: pois o destaque maior foi dado às pílulas anti-concepcionais.

No meu entender, o ME significou uma grande revolução de costumes no Brasil pois rompemos com uma série de tabus. Mais que isso, o ME criou um espaço cultural muito grande pois sem ele não haveria nem Tropicalismo, nem Cinema Novo, etc. Nossa interação com artistas e intelectuais levou a uma espécie de renascimento artístico e cultural.

**PORANDUBAS:** E o poder? O estudante achava que podia tomar o poder?

**DIRCEU:** Acho que não. Antes de nós, talvez as lideranças de 65-67, acreditassem que poderiam tomar o poder, senão eles não teriam propostos uma aliança operário-estudantil-camponesa. Mas, quando assumimos a UEE-SP nós mudamos essa concepção. Só que à medida que participamos de alguns setores do ME que apoiavam a luta armada, voltamos a pensar que era possível tomar o poder a médio prazo através da violência.

**PORANDUBAS:** E como a UNE encarava a luta armada?

**DIRCEU:** Essa questão não entrava nas discussões da UEE e UNE. Isso era uma opção pessoal de cada estudante. Nós nunca propusemos que o ME apoiasse a luta armada.

**PORANDUBAS:** Após sua prisão no Congresso de Ibiúna, você foi transferido do DOPS para Santos, onde ficou sob a guarda do coronel Erasmo Dias. Ele disse que jogou muito futebol com você. Isso é fato ou é lenda?

**DIRCEU:** Na transferência para Santos, a gente levou um grande susto. O caminhão que nos levava se perdeu numa das praias. O Osmar que conhecia o local e o Forte Itaipu onde nos levavam, começou a se assustar. Pensamos que eles nos iam fuzilar, porque existia um clima de Golpe de Estado. Já estavam torturando, a PARASAR ameaçava jogar os opositores ao mar e tudo mais. Isso tudo criou um clima emocional muito forte. Então, cantamos o Hino Nacional e descemos para sermos fuzilados. Quando percebemos que o caminhão estava perdido foi a cena mais ridícula e patética ao mesmo tempo. Demos aquela gargalhada de quem está com as costas suadas. . . aquele frio na alma.

Quando chegamos ao Forte Itaipu, havia o maior aparato: holofotes, metralhadoras, tropa formada, essas coisas. Tudo aquilo para receber onze estudantes. Estava inaugurada nossa convivência com o Cel. Erasmo.

Daí começamos a conhecê-lo, com seus ataques histéricos, seu mandonismo, sua absoluta centralização do poder, seu reacionarismo e cinismo. Aliás, a PUC o conhece bem.

Mas o Erasmo montou conosco um grande show para o qual ele tinha objetivo claro. Sucedeu que na PE e em algumas delegacias do DPS já se torturava e em vários quartéis do Brasil já houvera assassinatos políticos. Para desviar a atenção de tudo isso e para criar uma imagem humanitária para as Forças Armadas, ele nos deu um tratamento especial, banhos de sol, tratamento de dentes, futebol, boa alimentação, visitas, etc. Com isso, fomos expostos ao mundo: "Vejam como são bem tratados os presos políticos no Brasil!".

**CeTeC**  
CENTRO TÉCNICO DE CÓPIAS  
Tel.: 262-9870  
Matriz: Rua Bartira, 409

**Zapata**  
Ciências Humanas  
Horário das 9 às 22 hs  
Rua Dr. Cesário Mota Jr. 285-  
Tel 2222861

O NOVO CAMINHO DA NOITE PAULISTA  
**Café Society**  
Rua Turiassu, 152. Tel: 67-1341  
Drinks Choperia  
Aos Sábados: "Feijoadá Society"

*Meeting Boutique*  
Moda Masculina e Feminina  
Descontos para a Turma da PUC  
RUA BARTIRA, 504  
PERDIZES

CENTRO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

# TÃO PERTO E TÃO LONGE

O Centro está logo ali, na R. Marquês de Paranaguá, perto da praça Roosevelt. Trata-se de uma unidade importante pois reúne 1.700 alunos de Graduação, 142 no Pós-Graduação além de um total de 78 professores. Seus 5 prédios principais reúnem laboratórios, salas de aula, anfiteatro, 2 bibliotecas, secretarias, diretoria, Centro Acadêmico, uma rádio experimental em FM, Casa Paroquial, lanchonete (cuidada pelo Seu Clóvis, daí o apelido de "Praça Clóvis") e uma quadra recém-inaugurada.

Todo este campus foi doado à PUC pelas religiosas Cónegas de Sto. Agostinho que dirigiam as Fac. Sedes Sapientiae, que eram agregadas à Universidade e que se integraram a ela, com infra-estrutura e tudo. O Sedes foi uma das primeiras Faculdades abertas para atender a um público feminino. Muitas de suas ex-alunas são docentes na atual PUC.

Pois bem. Todo esse tamanho, um contingente universitário importante, ligação histórica com a PUC e logo a primeira observação é que a "turma da Marquês" se sente meio marginalizada. "Nós não temos muita comunicação com a Monte Alegre; parece que só lá é a PUC". Os recados chegam atrasados e há muito tempo que se solicita uma Tesouraria naquele campus. A falta de Tesouraria obriga os alunos a irem para a Monte Alegre para pagarem taxas de documentos. A falta de Tesouraria obriga funcionários e docentes a irem à M. Alegre para receberem seus "holeriths". Assim, tanto as aulas como o serviço ficam prejudicados. Sugere-se que os pagamentos sejam feitos através do BANESPA que está logo na esquina da Marquês.

Na parte acadêmica faltam equipamentos e o Prof. Damy, uma das glórias da Física nacional, faz milagres improvisando e criando instrumentos, já que a verba de Cr\$ 15 mil mensais só provoca risos. Isto



Casa paroquial, salas de aula e CA Nova Quadra de esportes



Laboratório de eletrônica

sem falar na falta de livros das bibliotecas ("lá como cá...").

Quanto a acomodações, há um pedido antigo. Parece que tem até um projeto. Trata-se de um refeitório que ainda não saiu dos planos. Falta também um lugar para as funcionárias se trocarem.

Enfim, o Campus Marquês de Paranaguá, apesar do seu porte, apesar da beleza de áreas verdes bem conservadas, parece que está meio no canto, de castigo. Ora, um setor que ano passado, NA PUC, deu superávit de Cr\$ 5,2 milhões, era para sofrer tanto?

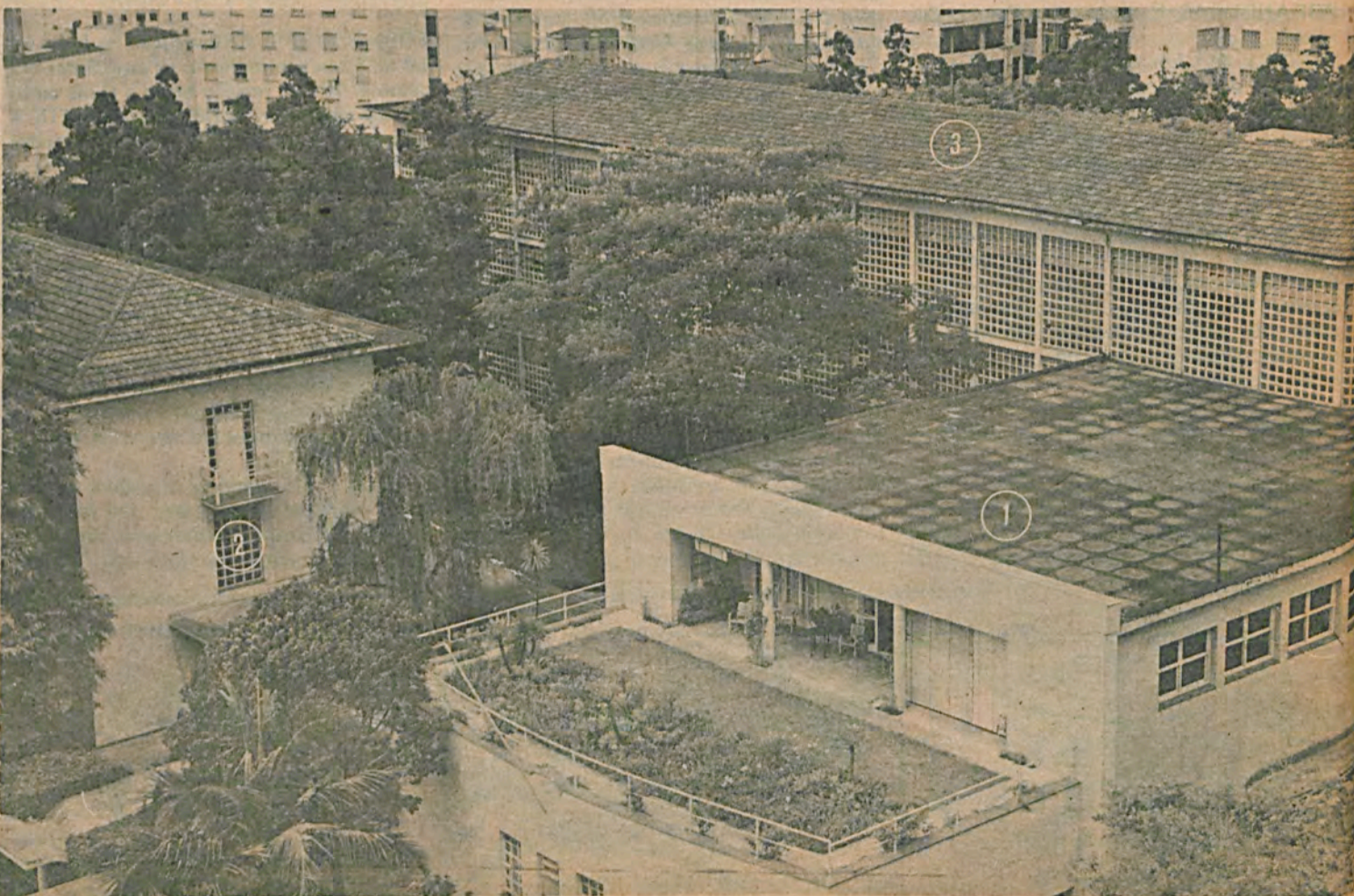


Lugar de encontro: a "Praça Clóvis"

1. Prédio da Administração
2. Pós-Graduação
3. Laboratórios e salas de aula



Biblioteca



**PORANDUBAS: A quantas anda o Básico? Dizem que ele está morrendo...**

Silvana: Olha, eu acompanho o dia-a-dia do pessoal do 1º ano. A princípio deslumbrados, quando vem o 2º semestre, eles não conseguem mais sentir o curso. Muitos colegas reclamam do espontaneísmo de alguns professores que vêm com o papo do "o que vocês querem fazer?". Ora, o aluno não está formado para isto, é preciso um sistema a seguir. Vi trabalhos do Básico que não tinham nada a ver, sobre discos voadores, etc.

**PORANDUBAS: O que faz a Comissão do Básico do DCE?**

Silvana: Meu trabalho na Comissão é continuidade da minha atuação como aluna. No momento, conseguimos que se elegeassem 59 representantes em um total de 75 salas.

Elinei: Esse número é muito expressivo, se levarmos em conta que os professores sempre desejaram que houvesse representação dos alunos mas isso nunca ocorreu, ao menos como agora. Chegamos até a criar horas associativas, que tiveram pequena ressonância.

Silvana: Começamos convidando a todas as classes para trocar uma idéia, logo no início de março. Era um sábado de manhã. Pois vieram 100 pessoas. Queriam saber como aconteciam as entidades, o que estava acontecendo com a PUC. Na greve dos metalúrgicos, tiramos representantes do Básico só para recolher mantimentos: conseguimos 3 toneladas.

Elinei: Essa movimentação toda me parece um sinal de vitalidade do Básico, não é?

Silvana: Depois veio a questão do repasse, o problema de harmonizar a didática das

# NOVO

Na primeira semana de julho serão amarradas propostas concretas visando a um novo projeto do Ciclo Básico. PORANDUBAS apresenta uma troca de idéias dos professores Elinei Gomes (Coordenador), Reinaldo Fleuri (autor de recente estudo sobre o Básico) e Silvana Titora (da Comissão do Básico do DCE).

# BÁSICO



Fotos Bettina Turner

Reinaldo

Reinaldo mostrou num documento recente, sempre houve dificuldades seja quanto a compreensão dos objetivos seja quanto a modos de trabalho. No momento vivemos a busca de uma nova forma de organização, o que é sinal de vitalidade.

Reinaldo: O Básico iniciou com objetivos bem definidos. Com o tempo apareceram as contradições. Eu estudei os documentos produzidos nos primeiros anos do Básico e percebi que sua proposta educacional tinha 3 pontos. Primeiro, buscava uma educação humanista que visava à pessoa integral e não apenas a uma formação profissional. Segundo, que a educação é um processo que se baseia na relação professor-aluno: daí decorre uma certa desvalorização do conteúdo, que pode ser confundida com superficialidade. Finalmente, pretendeu-se uma interdisciplinaridade, a nível de alunos (que antes só conheciam os colegas do curso), de professores (rompendo com a cátedra e instaurando o trabalho de equipe) e a nível de coordenação. Contudo, em 1979 era visível um desânimo geral. Os professores não tinham tempo para pesquisa, a coordenação, enredava-se na burocracia. Acusava-se o Básico de coercitivo, massificante, o sistema de avaliação não tinha sentido, os alunos viviam tentando adivinhar o que o professor queria deles.

A meu ver essa situação não decorre de vontade ou incompetência mas da estruturação dos programas. Esses são definidos desde cima, do coordenação, quanto objetivos. Daí, cabe às equipes concretizá-los e a cada professor aplicá-los em sua sala. Finalmente, pretende-se que haja uma avaliação conjunta de objetivos que passaram por vários contextos diferentes. É preciso uma nova forma de articular os programas entre professor, monitor e alunos, de baixo para cima.

**SUBJETIVO, OBJETIVO**

PORANDUBAS: Esse ano, o Básico passou a adotar sistema de notas. Que foi isso?

Elinei: Esta mudança se deveu a uma razão tática. É que o projeto original foi ficando complexo. Surgiu a inter-equipe, a avaliação conjunta, um elenco de objetivos que não estavam muitos claros para todos os

professores. De repente, surge a necessidade de se fazer um novo Básico. Para tanto precisamos ter tempo para pesquisas, debates. Ganhamos esse tempo através da avaliação por nota.

Silvana: Só que houve uma reclamação geral. A avaliação é mesmo a eterna briga. Insistimos com os colegas que eles esqueçam a avaliação, pois são poucos os reprovados: só que essa é uma obsessão que trazem do secundário. Agora que tem nota, muita gente acha que houve retrocesso ao secundário, surge competição pela nota. Antes se reclamava que o critério de era subjetivo.

PORANDUBAS: Depois de 10 anos, o que o Básico trouxe para a PUC?

Silvana: Entendo que o erro não está no Básico mas na estrutura da Universidade.

Elinei: Os professores do Básico se agrupam em duas estruturas diferentes: de um lado as Equipes e de outro os Departamentos, com dinâmicas totalmente diferentes. Apesar das críticas, o sistema de Equipes é novo e mais dinâmico. As outras estruturas, Faculdades, Departamentos já estavam definidas. As Faculdades de Serviço Social, Psicologia, Educação, etc., aproveitaram essa experiência de professores do Básico que passaram para seus quadros.

Reinaldo: A atual estrutura da Universidade leva o estudante à passividade, devido ao seu autoritarismo. Para mim, o erro da Univ. foi não se ter articulado com as forças transformadoras da sociedade. Ela acabou repetindo o status quo. Não basta discutir os problemas do povo: é preciso deixar brechas para ele atuar aqui. O Básico seria uma dessas brechas mas que carrega contradições pois no momento está fechado à crítica, ao questionamento. É preciso permitir a fermentação de trabalhos criativos. A equipe já foi um avanço mas agora



Silvana

limita a criatividade dos professores. É por isso que ela se fragmentou em vários grupos com interesses diversos, que precisam ser levados em conta.

Elinei: Já eu entendo que depois de 10 anos de experiência, o corpo docente cresceu muito e apresenta características diversas. Há gente preocupada com o conteúdo, outros se interessam pelas formas de trabalho e ainda outros atentos para o problema da atitude do aluno. Essas formas de trabalho se radicalizaram e ficou difícil o entrosamento. Pessoalmente, penso que não é importante a igualdade da programação mas a unidade de objetivos.

PORANDUBAS: As discussões do Básico não ficaram superadas pelo avanço do Debate Nacional?

Reinaldo: O trabalho pedagógico do Básico ficou afastado do que o aluno vive. O conteúdo das matérias deveria partir da realidade brasileira evitando entretanto somente ir atrás dos assuntos do dia, senão se salta da greve do ABC para UFOs e assim por diante. Contudo, é preciso descer à raiz dos fatos com maior versatilidade porque é muito fácil aplicar um programa pronto.

Quando surgiu, o programa era novo. Foi badalado pelo Brasil inteiro. Até 76 ele precisou se defender, ganhar aceitação de setores fortes dentro da PUC: quando acabou essa resistência, o pessoal do Básico seguiu se defendendo e agora percebe que precisa criar caminhos novos.

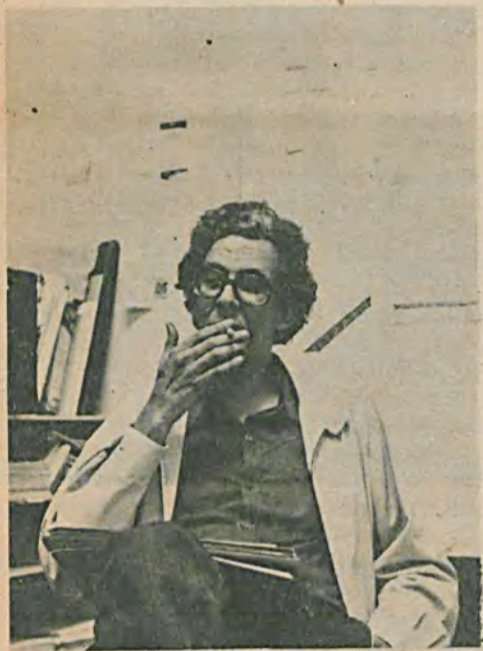
PORANDUBAS: Ano passado, o Básico deu um déficit de Cr\$ 46 milhões...

Elinei: Não sou contador, mas no balanço, o Básico só tem despesas, já que as entradas vêm através das Faculdades, que entretanto são responsáveis apenas por 2 disciplinas semanais no Básico. Esse modo de calcular custos precisa ser revisto: já foram feitas sérias críticas a respeito. Por nossos cálculos, nossos gastos são cobertos com 60% da receita que produzimos, através de aulas que damos a 4 mil alunos.

Silvana: Como é isso? Como o Básico pode dar prejuízo se seus professores são os mais mal pagos da Universidade?

PORANDUBAS: Como o Básico poderá contribuir na reforma dos estatutos?

Elinei: Creio que nossa experiência de trabalho em equipe poderia ser incorporada na estruturação do corpo docente. A Equipe seria o ideal do Departamento, já que favorece a mobilização. O Básico não está morrendo porque ele mesmo busca suas alterações: o fato de pensar junto já é uma revitalização. Nosso novo projeto para o ano que vem nascerá das propostas de 13 núcleos de professores. Além disso, convidamos o DCE e outros órgãos Univ. para mandar sugestões para o projeto.



Elinei

disciplinas comuns com as específicas e aos poucos envolveram-se as representações. Temos gente excelente, outros ainda vão amadurecer, mas na Comissão as pessoas já começam a se preocupar com currículos.

**DESÂNIMO**

PORANDUBAS: Do início do Básico até hoje, quais foram as maiores transformações, impasses?

Elinei: Eu participei da implantação do projeto do Básico, desde 1971. Como o

**RECOMENDAMOS**

**Dr. JOÃO CORIOLANO REGO BARROS**

Pediatria  
Consultório: Av. Paulista, 1.159  
13º and. conj. 1310  
tel.: 285-5828

**DR. SOUBHI KAHHALE**

Obstetrícia e Ginecologia

R. Cardoso de Almeida, 788/Conj.  
122 - (12º andar) - Fone: 864-1196

**disney**  
sensacional

- 15 dias em julho
- várias saídas
- Hotéis de Luxo

Conheça a DISNEYWORLD, Miami, Cabo Kennedy e mil atrações.  
Pagamento em 30 meses, sem reajuste  
Procurar LILIAN. Tel: 287-3457

**CAFÉ SEM COMPROMISSO**

Todas as noites uma noite especial para gente especial como você. Feijoada, chopp e música ao vivo. (Apresentando este anúncio você tem um desconto). Esperamos você, na R. Turiasu nº 480 tel. - 62-7251

Universidade — Povo (5ª Parte)

# OSASCO: NOSSO CAMPUS AVANÇADO?

Roberto C. Barreiros Fo.  
Jorge Claudio

Em Osasco há pelo menos 3 grupos de gente da PUC atuando junto à comunidade local. Contudo, apesar dessa «invasão», a falta do reconhecimento oficial (e empregatício) por parte da PUC não autoriza a caracterização de tais iniciativas como um «campus avançado». Mas há esperanças... e muitas.

## A TEORIA DE PERNAS PRO AR

O projeto de Psicologia Social na prática clínica funciona na Vila Sto. Antônio e Vila Yolanda em Osasco. É formado por um grupo com 3 professores da PUC, 11 psicólogos formados aqui, 1 administrador e 30 estagiários. O trabalho é centrado na "Casa", além de se desenvolver no Centro de Vivência, Escolas, etc. São feitas reuniões com pais e dá-se assessoria e orientação voltadas para a área comunitária, num enfoque mais social que médico. Não se prevêem resultados a curto prazo, mas "daqui a uns bons dez anos", comenta o grupo.

Nossa reportagem se deslocou até Osasco e constatou que se colocam para os psicólogos problemas no mínimo inesperados, muitos dos quais, Freud não explica...

### TODO MUNDO LÁ

Tudo começou em 1977 quando ocorreu uma série de felizes coincidências. Havia uma pesquisa da URPLAN em convênio com a Secretaria do Planejamento do Estado sobre 2 bairros de Osasco, acerca da organização e participação popular. Havia também atividades de estagiários da Fac. Psicologia que exploravam vários tipos de trabalho comunitário em Cotia, no Butantã e também em Osasco. Havia também um

mais complexo do que esperávamos". Muito da formação do grupo contribuiu para atrapalhar: "fomos formados para atender em consultório, à classe média e alta. De repente encontramos problemas de salário mínimo, promiscuidade, alcoolismo. Certa vez, conta Odete, atendi a um 'caso psicológico' fora do normal: a mulher levou sua filha e, enrolava que enrolava mas não dizia nada. Pensei comigo o que provocaria tanto bloqueio. De repente ela soltou: 'É dona, a menina aqui não tem o que comer'".

### PRIMEIRAS REAÇÕES

Sônia conta que o trabalho começou muito devagar. "Nosso contato com o povo era difícil, pois éramos estranhos a seus costumes e eles também eram estranhos para nós. Só íamos duas vezes por semana ao Bairro e além disso ficávamos deslocados por sermos de São Paulo". Contudo, aos poucos o pessoal foi aparecendo e um chamava o outro. Daí o passo seguinte do grupo foi reunir as lideranças do Bairro".

Com o contato maior, ficou o problema da imagem. "Eles pensavam que o psicólogo vai resolver seus problemas individuais e que com isso está tudo bem", diz Odete. Outro problema foi a falta de um



Reunião de Mães: Centro de Vivência

povo acerca de suas formas de vida e de raciocínio. Havia uma série de organizações no bairro e a "Casa" passou a ser ponto de encontro desses órgãos. São tratados problemas do dia-a-dia tais como água, esgoto, reforma partidária, solidariedade ao ABC, mutirão, etc. Nosso grupo pretende dar uma Assessoria técnica, aberta e voltada para a comunidade".

Cecília é estagiária. Ela conta que "aqui a atuação é mais real, mais comunitária. Isto nos dá condição de participar na prática o que aprendemos na teoria e ver a aplicação dos ensinamentos que recebemos".

### PSICÓLOGOS PARA A MAIORIA

Os psicólogos começaram fazendo atendimento individual, mesmo porque não eram ainda conhecidos e não havia procura, quase. Mas há um ano já vêm fazendo terapia breve, para casais jovens.

"Essa forma de terapia deu bom resultado: os casais viram que não eram só eles que tinham os problemas".

O grupo tomou consciência do próprio vocabulário. "O povo vem a nós dizendo que está com problema de nervoso, está 'com uma coisa'. Assim, é prejudicial nós impormos um vocabulário científico ao povo. De que adianta ensinar a ele o que é angústia, neurose, conflito? Às vezes temos que apelar até para signos, horóscopo, que é o que eles entendem".

O grupo percebe que os problemas do Bairro são complexos e estão abertos para a colaboração de outras áreas de ciência: "mas ainda não somos um grupo interdisciplinar. O máximo que percebemos é que somos psicólogos em busca de atender a uma necessidade da nossa realidade. Não somos assistentes sociais e seria bom que nos entrosássemos com outros tipos de profissionais. No momento caminhamos para uma definição de nós próprios, como psicólogos, voltados para a maioria da população".

### CENTRAL DE AGRESSIVIDADE

Um momento importante para o trabalho foi o contato com a Escola Almeida Jr., onde os psicólogos começaram fazendo reuniões com os pais, que os convidaram

às suas casas onde puderam tomar contato com o ambiente de vida do povo.

Nossa reportagem foi à Escola, que fica ao lado da Favela do Veloso. São 15 classes de primeiro ano para uma apenas de 8ª série. O nível de reprovação é de 60% e as salas estão superlotadas. Há alunos de 7 a 14 anos na mesma sala. "A Prefeitura não dá quase nenhuma assistência" conta uma das professoras.

As crianças são subnutridas. As atividades começam pela merenda: houve uma criança que repetiu 5 vezes o caldo de soja. Informaram que para ela e para tantos outros é a única refeição do dia.

O trabalho dos psicólogos na Escola está centrado na observação dentro das salas a fim de estabelecerem a forma de agir. "Este trabalho é muito difícil por ser inovador, relata Viviane. Além disso, o Sistema impede esse tipo de serviço". Vera conta o que viu nas salas: "a agressividade é muito grande. As crianças brigam com facilidade; cheguei a ver um aluno que se levantou de seu lugar e deu um soco na professora. Do lado de fora, as crianças que não estudam ficam penduradas na janela ou chutando as portas. É uma loucura". O trabalho com os alunos parte da entrevista individual. Verificadas semelhanças de casos, tenta-se formar um grupo. Quando o grupo não é possível, as psicólogas dão atendimento individual, apesar da falta de espaço. Nesta Escola o grupo dá assessoria a cerca de 140 crianças.

### GATO EM VEZ DE LEBRE

A "Casa" é uma espécie de sede do grupo. Muito movimentada por sinal, embora não receba uma série enorme de casos pois os psicólogos atuam na própria comunidade, além das acomodações da "Casa" serem pequenas.

As pessoas vão até a "Casa" com todo tipo de problema: é a Jucação das crianças, vagas escolares, problemas familiares. Aos poucos vão sendo conscientizadas de que seus problemas particulares são parte de um todo que é a comunidade.

Além da Escola e da "Casa", o grupo atua também no Centro de Vivência da Prefeitura: lá trabalham 11 pessoas, além



Escola Almeida Jr.

projeto de um Centro de Saúde Comunitária, realizado pelos professores Adib e Sílvia Lane. Assim formou-se um grupo inicial integrado pela Sônia, Odete, Hélio, Magali e Marli, além de Adib e da Sílvia. Depois chegou o Sérgio que é formado em administração e duas pessoas que trabalhavam em Vila Yolanda, em Psicologia Educacional.

O grupo hoje conta com 12 pessoas, que se reúnem todas as segundas-feiras para discutir sua prática. "Apenas comunicamos o que fazemos, porque ainda é difícil chegar a uma unidade: o projeto comum é

local para as reuniões. A princípio foi usado um Centro de Vivência, o que era uma situação delicada visto haver interesses políticos no local. Finalmente em agosto do ano passado foi alugada a "Casa", com verba conseguida através da URPLAN.

As reuniões do grupo com as lideranças mostrou que o projeto era levado de cima para baixo, o que determinou a mudança de estratégia, que passou a buscar maior participação do povo nas discussões. "A partir daí, conta Sérgio, aprendemos com o

de 5 do grupo da PUC. São atendidas 100 crianças, além de grupos de mães.

Em abril de 80, houve manipulação para se fechar o Centro. Foi distribuído um abaixo-assinado aparentemente pedindo nova creche: na verdade se propunha também o fechamento do Centro. Os autores do abaixo-assinado queriam impor-se no Bairro através de uma nova creche mas precisavam tirar o Centro do caminho. Houve 800 assinaturas mas quando se descobriu o engano a população toda precisou mobilizar-se para evitar o fechamento do Centro. O grupo de psicólogos participou ativamente dessa movimentação: "nossa posição aqui não é de autoridade. Em todo caso, nossa assessoria possibilita a comunidade achar as soluções com o menos possível de interferência. Através das discussões as pessoas vão percebendo as dimensões dos problemas, que sua origem provém de uma política mais geral".

TEATRO

Em vila Yolanda foi fundado um grupo de teatro há um ano. São jovens de 14 a 20 anos e já criaram 2 peças apresentadas em vários bairros: "Natal no Presídio" e "1º de Maio". A idéia do teatro nasceu de discussões que eles levavam com a psicóloga Silvana sobre temas como tóxicos, namoro etc. Silvana também participa de um grupo de adultos que começou discutindo sobre saúde (fizeram até uma pesquisa) e daí partiram para questões como custo de vida, inflação, etc.

SEMI-VOLUNTARIADO

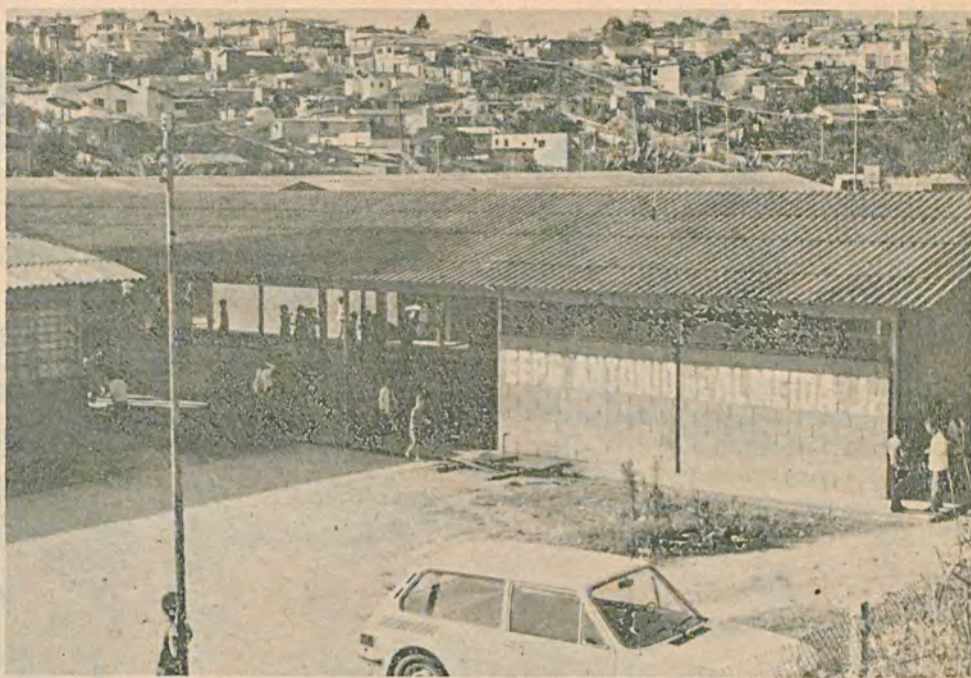
E como o grupo consegue realizar isto tudo? Eis o nó da questão. A PUC par-

ticipa através da URPLAN, que paga os 3 professores do projeto. Uma entidade holandesa, a CEBEMO envia uma verba que dá para o aluguel da "Casa", material, secretária. O grupo conseguiu esticar o dinheiro, que daria para um semestre, até julho deste ano: "trouxemos cortinas, papel sulfite, etc. No momento, ninguém trabalha de graça, ao menos inteiramente de graça. Contudo, trabalhamos muito mais que as horas contratuais". A parte administrativa fica por conta do Sérgio que controla a verba, faz relatórios e contatos com a CEBEMO e com outros órgãos financeiros, como a Prefeitura de Osasco e a Secretaria da Saúde. Também a pesquisa feita no local é "devolvida" à população através de uma série de 250 slides. Desta forma, a pesquisa é uma referência científica constante nos contatos com as comunidades.

DE TUDO FICA UM POUCO

Ao que parece, a periferia está colocando em xeque o aprendizado obtido no alto do Monte Alegre. "O legal deste núcleo, conta Cecília, é que ele é bem aberto, nada autoritário. O maior problema é integrar a teoria com o meu trabalho aqui.

Quando leio um texto, já fico pensando como utilizá-lo". Dulce completa: "na PUC a gente ficava criticando e fazendo propostas muito teóricas, sem aplicação. Agora vejo que muita coisa que se aplica não se aprende e muita coisa que se aprende não se aplica. A gente está indo ao objetivo e não fica mais esperando que a teoria resolva os problemas".



Quando usam recursos teatrais, eles se transfiguram. Outra coisa que percebemos é que não há instrumental psicológico de atuação sobre a comunidade: o que existe é a comunidade institucionalizada, terapêutica, hospitalizada".

DIFICULDADES CONCRETAS

O grupo de psicólogos propriamente paga para ir a Osasco duas vezes por semana. No momento, pleiteiam verba na Alemanha. Além disso, há necessidade de uma "base" o que demandaria recursos. Esse voluntariado é um grande "grilo" para o grupo.

No momento, eles alargaram os contatos para fora do setor-Igreja, apesar de contarem com a preciosa ajuda da Dirce, aluna do Serviço Social da PUC, que mora em Osasco e é freira. São mantidos os contatos com as lideranças cristãs e agora o grupo vai ao encontro de Centros Comunitários, Grupos Escolares, Clubes de Mães. Os psicólogos se oferecem para dar assessoria a pais e professores sem negarem encontros individuais: "nós aprendemos a aproveitar o tempo do encontro como algo fechado, pois não se pode depender de um retorno, o que pode não acontecer. A Terapia é breve, encarada numa perspectiva comunitária."

TER FÉ NA VIDA

"De onde o povo tira sua força? Ele trabalha o dia inteiro, alguns estudam e vem sábado e domingo lá estão eles batalhando em cima da comunidade. Para nós, a capacidade de doação do povo é um fato inusitado. A gente lembra muito a letra da música "Maria, Maria" contam os psicólogos.

Todos os três concordam em que é um trabalho pessoalmente gratificante. "Seria bom que fosse sempre isso", contam. "Não importa o tempo que pode levar, mas esse trabalho só tem sentido se as coisas saírem do próprio povo. É bonito ver como o pouco que fazemos auxilia sua organização. No trabalho com a Pastoral conseguimos caminhar junto com ela. Para nós a maior gratificação é ver concretizado como o conceito de comunidade, conhecimento e participação mútua ajuda o povo a ser mais independente. Para nós, o povo ensina a ter fé na vida."

NA RUA E NA CADEIA

O terceiro grupo que atua em Osasco é integrado por gente formada pela PUC, entre outros. A maioria se concentra numa clínica psicológica aqui perto, em Perdizes. A ligação deste grupo com a PUC é feita através do Instituto de Estudos Especiais,

embora não haja comprometimento com a Universidade como tal, além de alguma troca de experiências com o IEE e alguma Assessoria Técnica que o grupo fornece. PORANDUBAS entrevistou a psicóloga Heidi.

"O trabalho começou em 1977, a partir da nossa reflexão sobre o problema do menor", conta Heidi. "Algumas pessoas da clínica já faziam trabalho com menores e começaram a elaborar um projeto que atendesse o menor infrator". Depois de elaborado, o projeto abrangeu três setores:

- 1 - Hospital Psiquiátrico da FEBEM
- 2 - Menor de rua
- 3 - Menor infrator (cadeia)

"Primeiro estabelecemos contato com essa nova realidade para nós, a fim de ampliar a observação e elaborar um treinamento", diz Heidi.

O Pe. Agostinho faz parte do grupo. Ele já trabalhava anteriormente à formação do grupo, numa cadeia em Osasco. Daí foi possível aproveitar seu envolvimento naquela instituição. O projeto logo sofreu modificação porque não havia condições de fazer um trabalho livre na FEBEM. Assim, o trabalho com o menor na rua teve desenvolvimento.

Heidi fala dos serviços que se começaram a prestar à comunidade: "nós fundamos a Associação para Desenvolvimento do Cidadão (ADC), de Osasco. Em julho daremos um grande passo no sentido de maior engajamento na região, pois nos localizaremos numa casa à Rua Nelson Camargo nº 357. Lá será a sede da ADC e lá atenderemos a famílias de presos, será dada assessoria jurídica, etc."

No momento trabalham 20 pessoas no projeto. Eles são sociólogos, psicólogos, administradores, além do padre. O projeto propicia um trabalho interdisciplinar, com muita novidade. Heidi afirma que "não se trata de adaptar a velha psicologia mas de descobrir algo novo".



No 2º andar, a "Casa"

"PARA A PSICOLOGIA, NÃO EXISTE COMUNIDADE"

"Em 1978, a Pastoral da Juventude em Osasco pediu ao Edênio uma ajuda para encaminhar planos, assessoria enfim. Ele encaminhou o pedido a um grupo de psicólogos interessados em educação popular". Quem conta isso é a Profª Ana Mª Leandro, que ao lado da Profª Sílvia Derdyk e de Hélio G. Figueiredo (psicólogo formado pela PUC) fazem este trabalho desde o início. "O contato deu muito resultado, conta Ana. O trabalho com a juventude antes ficava ao encargo de casais. Neste momento em que passamos para outro setor, a coordenação da juventude tem 16 membros eleitos pela base, que são capazes de elaborar um planejamento a médio prazo. Nós três aos poucos integramos nas propostas dos jovens suas necessidades específicas de juventude as quais foram integradas à temática religiosa. Assim, leva-se em conta a realidade da base. Nossa participação começou com a problemática da liderança, da dinâmica de grupo e assim por diante."

A seguir, os psicólogos passaram do campo pastoral para uma ação com a comunidade. Assim, no início de 1980 eles entraram em contato com o pessoal da Vila Helena Maria e Munhoz. Com isso se amplia o campo de atuação psicológica. "Nós

procuramos que a comunidade assuma suas potencialidades - nós entramos com o instrumental, conta Ana. Nossa proposta é um trabalho em Saúde Mental: que a comunidade se estruture e assim diminui o número de casos. Sabemos que Saúde Mental não anda separada de aspectos sociais e específico de saúde. Nosso trabalho consiste em levar a comunidade a assumir sua própria saúde: focalizamos não o indivíduo isolado ou apenas a comunidade como tal mas a relação indivíduo-comunidade".

SAIR DO CONSULTÓRIO

Não seria exagero dizer que uma nova metodologia de trabalho psicológico é inaugurada. "O psicólogo precisa conhecer as necessidades da comunidade e se integrar nelas, conta Ana. Aos poucos vamos perdendo mitos sobre o povo. Por exemplo, o "mito da pobreza vocabular": realmente, quando se rompe a barreira entre o povo e nós, percebemos sua capacidade de expressão simbólica que é fora de série. Eles não têm nosso vocabulário, mas o vocabulário deles é muito rico só que é envergonhado.



MAFERSA — 1963

# O PODER OPERÁRIO

A greve da MAFERSA começou em junho de 1963. Durou 9 meses, sendo gerida por uma comissão de 8 operários, conceituadíssimos entre os colegas. Ao lado deles, o Sindicato dos Metalúrgicos de SP. Deste depoimento participaram Divino Honório de Assis, Ivanildo Lima Cavalcante que eram da Comissão e Delelis que era então presidente do Sindicato. Organizou o encontro o CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL (CMS).

## MULTINACIONAL

**CMS - O que é a MAFERSA?**

**Delelis** - É uma empresa metalúrgica de importância na economia nacional, pois produz material ferroviário. Além do mais, o Brasil tem uma grande rede ferroviária. O mercado em 63 era dividido entre cinco empresas: Cobrasma, Soma, Fábrica Nacional de Vagões, Metalúrgica Santa Matilde e a Mafersa. Como o cliente único era o governo federal, quatro dessas empresas formaram um consórcio para apresentar uma proposta única. A Mafersa ficou de fora: ocorre que ela tinha por trás uma empresa multinacional chamada Burdi Corporation, um truste de material ferroviário. A Mafersa tinha um acordo com a Burdi segundo o qual esta daria licença para a Mafersa montar os trens. Esses trens e metrô que correm por aí são a prova da alta especialização técnica que eles têm.

A briga que surge naquele momento foi que a indústria nacional não podia produzir carros feitos de aço inoxidável - o Brasil não possuía essa tecnologia. Além disso, essa multinacional não tinha interesse em se consorciar com indústrias brasileiras. Lógico, ela estava na frente, só ela podia produzir carros de aço inoxidável. Daí se travou uma luta nos Congressos Sindicais, nos Sindicatos dos Metalúrgicos: era justo o Brasil produzir trens com tecnologia estrangeira do aço inoxidável? No Sindicato, nós tomamos posição de defender a produção de veículos ferroviários feitos com aço doce ou comum para não termos que nos submeter aos preços estabelecidos pelo truste. Só que esse 1º round, a Burdi ganhou e a sua testa-de-ferro, a Mafersa, levou todos os contratos pra produzir os trens com aço inoxidável. Isso significou que ela produzia em cima dos desenhos da Burdi, pagava royalties, essa coisa toda. Nossa plataforma então, era uma luta nacionalista.

Em 62-63 a Mafersa era grande, tinha 4.000 operários entre São Paulo, Caçapava e Belo Horizonte.

**CMS - A Mafersa então era só um disfarce?**

**Delelis** - A questão não é tão simples. De um lado a gente podia provar com facilidade que a Mafersa tinha ligação com a multinacional. De outro, ela estava instalada em Patrimônio Nacional, pertencendo à Santos-Jundiaí, que é uma empresa estatal em cujo nome também o maquinário foi importado. Esse material todo era alugado a um grupo de brasileiros por uma quantia ridícula. A Mafersa já entrava nas concorrências com um grande privilégio.

Tem mais uma história, a das rodas. Elas eram importadas do Canadá, do Japão, EUA e Alemanha. Os donos da empresa de importação eram uns engenheiros e o ministro dos Transportes: eles vendiam as rodas com exclusividade. Nessa hora, a Mafersa entra e abre uma fábrica de rodas em Caçapava.

**Metalúrgicos dão testemunho de uma página da História que foi abafada: o dia em que eles defenderam sua empresa contra a multinacional**



Afonso Delelis

Esta situação colocava o Sindicato em posição delicada: ao mesmo tempo que brigávamos com a Mafersa por causa do aço inoxidável, tínhamos que defendê-la na produção de rodas, que estava sob um monopólio de brasileiros.

## SALÁRIOS, GERENTE FASCISTA, NACIONALIZAÇÃO

**CMS - Como foi a compra da tecnologia dessas rodas?**

**Delelis** - A tecnologia veio da França, financiada pelo BNDE, que era o instrumento de proteção da indústria nacional. Nós começamos a refletir sobre essas questões nas fábricas só num estágio mais avançado. No começo lutávamos contra coisas que atingiam os operários mais diretamente, depois partimos para um contexto mais geral, nacional. Por exemplo, em 1959 nós fizemos dissídio coletivo onde o piso ficou em Cr\$ 30,40. Aí começa a mobilização nas fábricas, reuniões no sindicato e nada provava ao contador da Mafersa que o piso era Cr\$ 30,40. O boletim das indústrias dava esse valor, qualquer matemática do mundo também dava, só pro contador Roberto Varelli não dava - portanto, não tinha acordo. Ficou no "paga, não paga" e a mobilização foi crescendo: os operários que estavam na frente depois foram os integrantes da comissão que dirigiu a fábrica.

Toda essa mobilização portanto entrava num contexto muito mais amplo e interessante do ponto de vista das lutas anti-imperialistas. Era isso que faltava na luta em defesa da indústria nacional. Até então o operário não participava: estava lá ele querendo saber se o patrão é gringo, japonês ou alemão? Ele queria saber era de um salário melhor, condições melhores de trabalho. Mas nos bastidores as coisas eram claras para nós e foram se somando à tensão interna, com a lista de reivindicações crescendo. Pra esquentar o ambiente, ainda havia um tal de Pedro Duente, um gerente terrível: fomos levantar a ficha dele e não é que ele era um nazista fugido da Polônia. Isso tudo fez a briga esquentar e evoluir até a questão da encampação. Nosso raciocínio era simples: se a Mafersa é de interesse nacional porque faz trens para a Rede Ferroviária, ela só tem sentido se tiver um cará-

ter nacional. Levando-se em conta que o comprador único era o Governo Federal, a conclusão era que só se podia nacionalizar aquilo que já era quase nosso patrimônio mesmo.

## OPERÁRIO SABE ADMINISTRAR

**CMS - Nesse momento vocês tinham em mente provar que os operários eram mais capazes de administrar a Economia que o Estado?**

**Divino** - Pelo menos nós achávamos que tínhamos mais capacidade que a diretoria da época. Era só os engenheiros trabalharem com a gente que nós dirigíamos melhor. Não íamos deixar o capital da firma sair para outro lado.

**Delelis** - Nosso objetivo, na luta do sindicalismo da época, não era provar a possibilidade de auto-gestão. Foi o próprio processo de luta que mostrou ser a encampação

da Mafersa a verdadeira e única saída em determinado momento.

**CMS - Como vocês tomaram a direção da fábrica?**

**Divino** - Chegou uma hora em que os donos da Mafersa sumiram. Daí a comissão foi se firmando: íamos ao BNDE no Rio buscar o dinheiro para o pagamento do pessoal. No BNDE diziam que "pro grupo Lauro Parente (o dono) não damos mais dinheiro, tanto que enfiamos dinheiro naquela fábrica e vê como é que aquilo está".

**Cavalcante** - Nós corríamos primeiro pro Sindicato e havia o recado: "vão lá no BNDE". E nós às vezes tomávamos chuva e íamos estender as roupas e meias nos porões do BNDE. Chegamos a passar fome no Rio.

**CMS - Como vocês traziam o dinheiro pra São Paulo? Banco?**

**Delelis** - Não, nós não tínhamos confiança. Seria o correto: bota o dinheiro no Banco de lá e tira aqui. Mas, como podia sumir, então a gente trazia o dinheiro em sacos, desde o Rio. Nós botávamos o dinheiro do pagamento dos operários no carro do Sindicato e sempre víhamos acompanhando o Divino, o Cavalcante e mais um companheiro. Sempre armados, é claro.

**Cavalcante** - A gente chegava aqui e botava o pessoal no escritório fazendo envelope, os engenheiros e operários faziam filas íamos pagando. Tudo certinho.

**CMS - Como vocês conquistaram a direção da fábrica?**

**Delelis** - Conquistou-se a direção da fábrica, conquistando mesmo. A verdade, é que era uma luta muito grande porque havia muitos interesses em jogo, interesses das firmas, do governo, além dos interesses dos donos, do ponto de vista jurídico. Também havia os interesses internacionais de importação das rodas de carro. A Mafersa não era uma indústria de papel higiênico. Os operários entenderam a luta que foi conduzida até que o governo do Jango encampou a fábrica. As ações de Mafersa passaram para o BNDE e a empresa passou a ser dirigida por operários. Essa situação foi conseguida através da luta: é claro que não houve um decreto instaurando a auto-gestão na fábrica.

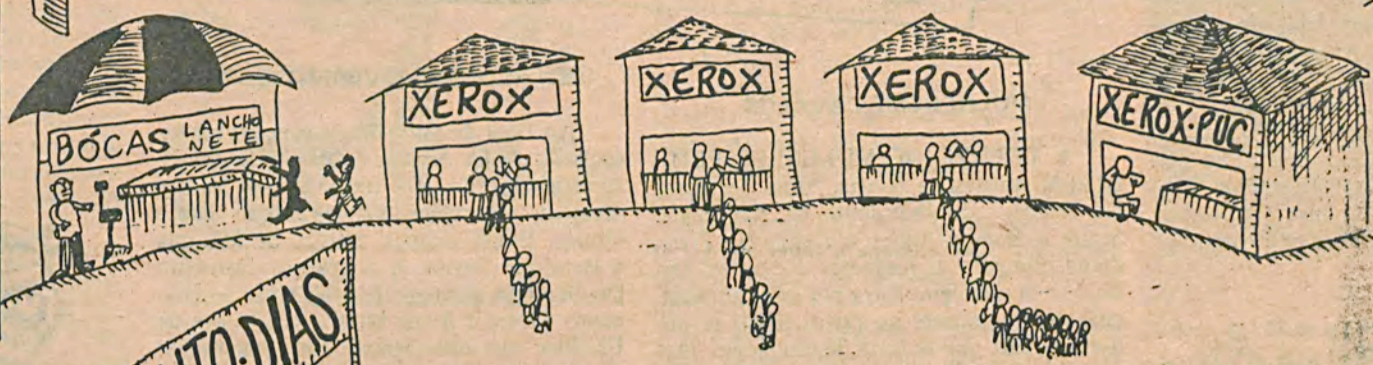


(Nota do CMS: Após a encampação da Mafersa há uma grande festa entre os operários e voltam ao trabalho. Um mês depois instaura-se o governo militar, em fim de março. São presos os membros da comissão de fábrica e alguns líderes. Desde então este pessoal não pode voltar ao trabalho, mesmo depois de anistiados. Contudo, certo dia eles resolveram entrar na fábrica. Foi a maior confusão e a coisa foi para na Diretoria e daí para a Justiça que, inesperadamente, deu ganho de causa ao trabalhador e os membros da Comissão receberam uma indenização por esses 16 anos em que foram impedidos de trabalhar. Mas nem tudo acaba bem: a indenização foi muito pequena.)





SEÇÃO ANTI-MIDAS: AS PEPITAS DE OURO NAS MÃOS DA PUC DÃO PREJUÍZO!!!

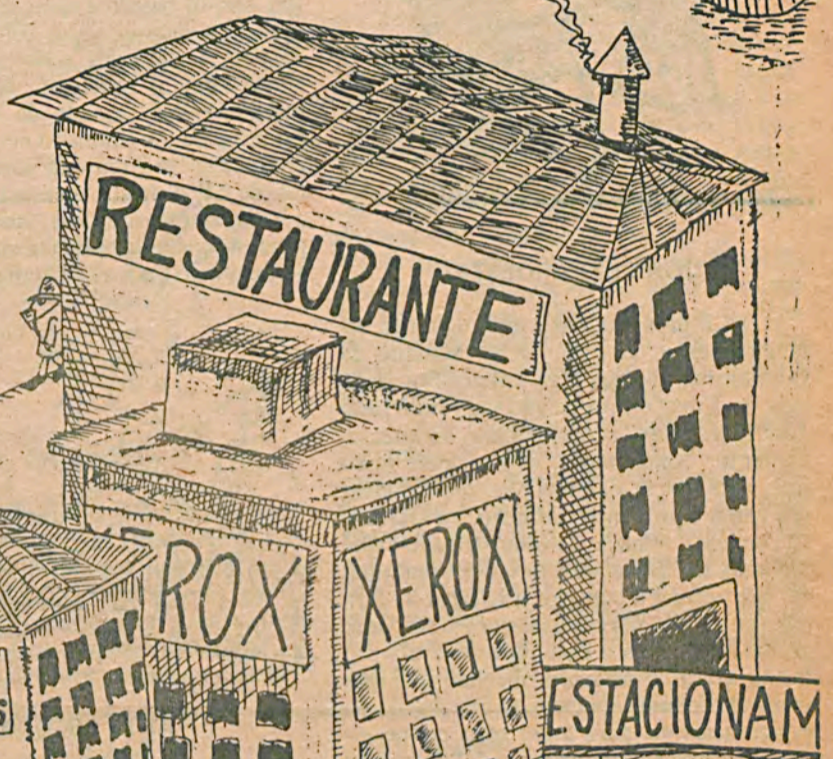


ESTACIONAMENTO-DIAS

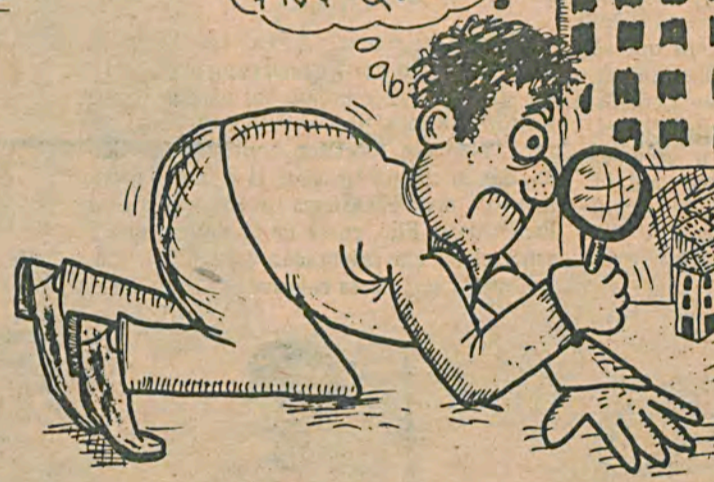
LIVRARIA SARAVA

POLADIAN'S PRESENTS ★  
 CAL TROPE- GAL ★  
 PREÇOS MÓDICOS - SEM DESCONTOS P/ ESTUDANTES

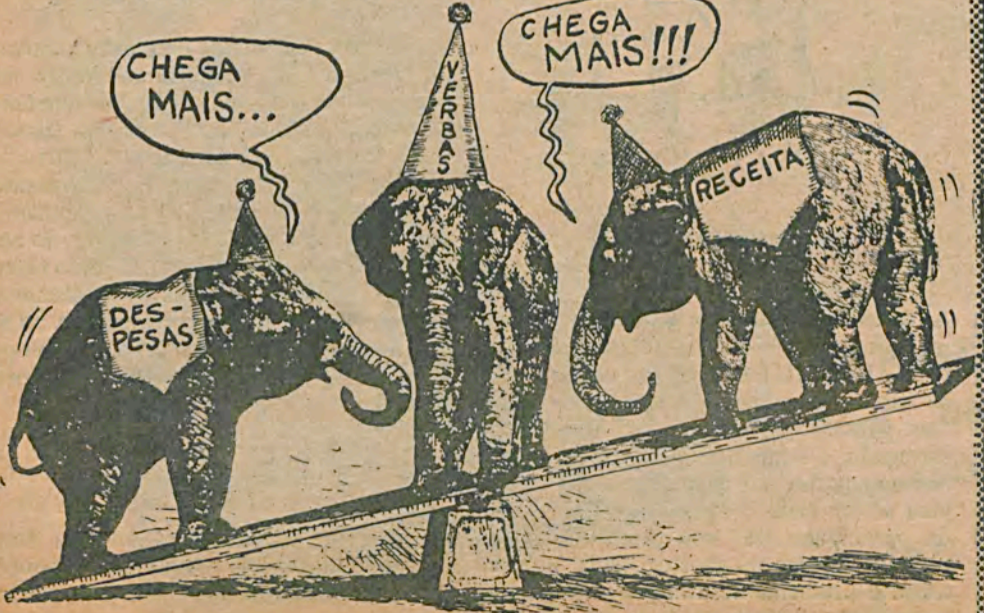
É SO CINCO MIL!  
 INGRESSOS A CINCO MIL!!



EDUCAÇÃO DÁ GRANA: PRA QUEM?



O CAMPEÃO DE AUDIÊNCIA



LIVRARIA MANDURI  
 NOVO ENDEREÇO  
 R. Consolação, 265  
 Tel. 256-9610

NOVO ESPAÇO CULTURAL EM SÃO PAULO

Lançamento do livro de RODOLFO KONDER: "Comando das Trevas"

Dia 23/6 a partir das 19 h.

Jeans Point

MODA JOVEM

A LOJA DE JEANS QUE FALTAVA EM NOSSO BAIRRO

Rua Cardoso de Almeida nº 170 - Loja 8  
 Esq. R. Dr. Candido Espinheira

DE RENE

## COMUNICAÇÃO: SIMPÓSIOS

1 - A INTERCOM, Soc. Bras. de Estudos Interdisciplinares da Comunicação promoverá dia 4 a 7 de setembro simpósio sobre o tema "Estado, Populismo e Comunicação no Brasil" analisando, entre outros, o trajeto da comunicação populista, do DIP à SECOM. Inscrições à R. Augusta nº 555 sobreloja.

2 - A UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação Social) prepara seu 9º Congresso. Cerca de mil estudiosos discutirão nos dias 15 a 19 de outubro sobre o tema "Comunicação e Educação Popular". A promoção é do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo.



## QUAL É? FAROESTE?

Dia 8 de maio, seis e meia da tarde, estacionamento da PUC. O Sr. Mariano da Contadoria, um dos mais antigos funcionários da Univ. é interpelado pelo indivíduo José Elias Barbi, concessionário do estacionamento: "olha, rapaz, não se mete nisso que você vai se dar mal! Se você arrebentar com ele". A razão de toda agressão é que Mariano faz parte do Conselho Comunitário que resolveu começar a cutucar as feridas (coisa que devia interessar a todo amigo da PUC). Pois o indivíduo José Elias só faltou atacar o Mariano, dizendo que este vivia viciado em quantos carros havia no estacionamento para saber se as contas estavam certas. Como diz o povo: "quem não deve não teme". Vox populi...



Prof. Norval em 1º plano

## MUDANÇAS NO JORNALISMO

NORVAL BAITELLO JR. é o novo Coordenador do Curso de Jornalismo, desde o dia 8/5. Ele é professor de Problemas Sócio-Culturais e foi eleito diretamente pelos seus colegas. "Estou botando fé na ordenação; sinto que todos estão trabalhando juntos", comenta. Seu mandato irá até dezembro mas desde logo enfrentou problemas urgentes quanto a contratações. Pretende que o Curso de Jornalismo encontre - professores e alunos - sua fisionomia a partir de um projeto original bastantar revolucionário. "Pretendemos colaborar dentro da PUC trazendo o debate sobre problemas da imprensa e da sociedade brasileira, acrescenta Norval. Quanto à greve, criou nos alunos uma atitude de vinculação vital àquilo que querem em sua profissão". Participam também da Coordenação Didática, os profs. Evaldo Sintoni, Carlos Gardin e Matinas Suzuki.

## CURTAS

## MULHERES E CAVALOS

A FRENTE DE MULHERES FEMINISTAS protestou contra "uma das pérolas verbais" do Presidente da República. Segue o texto: "Agora, o Exmo. Sr. Presidente compara as mulheres a cavalos. Dado o amor que demonstra por esses animais, cujo cheiro prefere ao povo, talvez se pudesse pensar que se trata de um elogio. Mas quando se verifica que S. Excia. gosta deles unicamente para montaria, a comparação fica não só bastante clara, como ultrajante. 'Cavalo e mulher só se conhece depois de montar... ou casar' - são suas palavras. Junto com as mulheres, também o povo brasileiro está cansado de servir de cavalaria para um punhado de indivíduos. É finaliza: "A Frente de Mulheres Feministas de SP protesta veementemente contra a comparação injuriosa, que constitui um péssimo exemplo, por ter vindo de alguém guindado ao mais alto cargo da Nação".



## ARTE ESCOLAR

Profª Ana Mae Barbosa comunica que dias 15 e 19/9, na Escola de Comunicações e Artes-USP haverá encontro em que se pretende discutir as condições de ensino de arte nas escolas. A novidade é que o encontro já começou, isto é, já na preparação estão todos convidados a participar, ao invés de receber tudo pronto. Inscrições até 31 de julho. Informações pelos tels. 211-1858 ramal 37.

## FIUC

Esta sigla se refere à Federação Internacional das Universidades Católica, fundada em 1948. Ela reúne atualmente 149 instituições sendo 36 na América Latina. A FIUC participa ativamente de uma série de pesquisas sobre educação em seus vários aspectos, além de promover a integração entre Universidades. Recentemente esteve entre nós o representante da FIUC, apresentando uma pesquisa sobre "A Função Específica hoje das Univ. Católicas" (que são em número de 600 em todo o mundo). A questão central é: "Até que ponto estão as Univ. Católicas voltadas para a promoção da justiça social, dos direitos humanos, do desenvolvimento e de maior solidariedade mundial?" Abordam-se a partir daí pontos como Corpo Docente, relação com a Soc. Civil, significado cristão da educação transmitida. O questionário, de 115 perguntas será respondido por várias pessoas da PUC.

**'FOTOGRAFE O CHEIRO DO POVO' - FOTOS EM PRETO E BRANCO, 18x24 cm ÓTIMOS PRÊMIOS!!!**  
ENTREGAR ATÉ 30/6 CLICK!

## EX-ALUNOS MOVIMENTAM-SE

Ao final de abril houve eleições na Associação de Ex-Alunos da PUC (UNIPUC). A nova Diretoria foi formada por Marcos Masetto, Carmelita Yazbek, João Paulo Moura, Elinei Gomes, Milton de Miranda e Henrique Suster. A direção do Conselho Deliberativo é integrada por Sebastião Hermanno Cintra e Artur Wolff. As eleições da UNIPUC são feitas através dos 21 membros do Cons. Deliberativo que é renovado em 1/3 por ano, através de indicação de seus próprios membros. Estima-se em 50 mil ex-alunos da PUC desde sua fundação, dos quais são membros da Associação cerca de 200. A UNIPUC tem tido ligada à sua imagem a idéia de que é uma "doadora de bolsas de estudos". O plano da nova Diretoria é mudar a imagem e ampliar os serviços. O prof. Marcos indica 3 níveis: 1 - a PUC oferecerá aos ex-alunos o conhecimento do que ela é atualmente, com a possibilidade de engajamento em algumas atividades além da atualização profissional numa perspectiva mais ampla. 2 - a PUC solicitará aos ex-alunos a atuação sobre a adequação do ensino a atuação profissional, além de contatos com os alunos dos últimos anos sobre mercado profissional e finalmente sugestões administrativas. 3 - finalmente a PUC facultaria um contato entre os ex-alunos, ampliando contatos de áreas afins. "Desta forma, conclui Marcos, daqui a 2 anos, a nossa Diretoria passaria às mãos de ex-alunos que não estão trabalhando na Universidade". Como programação concreta, a UNIPUC organizará a Semana da Univ. em agosto com o fito de informar e organizar debates e grupos permanentes de ex-alunos.

## FLÁVIA

Schilling esteve na PUC em início de maio para assuntar. Conversou com a turma do C.A. 22 e depois foi papear com a Reitoria: estava procurando que curso fazer. "Não me interesse continuar medicina, que inicie no Uruguai, já vi muito sofrimento", disse ela. Flávia foi encaminhada à Profª Maria Elci, chefe de Gabinete, que é especialista em orientação vocacional. Talvez em 81 seja nossa caloura.



## SURURU EM CAMPO

O campeonato de futebol de salão da AFAPUC foi dado por encerrado. Houve um tumulto entre os times Ellus, Contadoria, CADEGEJU e Benfica por uma questão de camisa: terminaram empatados e quase "em patadas" no último jogo. O novo encarregado, o Jorginho do DP, pretende formar em junho um campeonato-relâmpago para se ter idéia de quantos "atletas" ainda participam. Daí será promovido campeonato regular em agosto. Ainda falta resolver o problema de utilização da quadra, que só tem disponibilidade de 2 h. no sába-



## MEDICINA RÚSTICA

As prof:as Josildeth Consorte e Mª Helena Vilas Boas, juntamente com seus alunos da Fac. Medicina de Sorocaba, estão levando desde o ano passado na Zona Rural daquela cidade um projeto acerca de como a medicina popular é substituída pela medicalização. Até agora se verificou que os chás, ervas e benzimentos ainda são muito utilizados em casos mais graves. Mesmo nesses casos, os remédios caseiros são mantidos, paralelamente aos dos médicos. No Jardim Eden, onde é feita a pesquisa, há uma população ainda agrícola e outro grupo já industrializado: pois ambos ainda usam tanto a medicina rústica como a "moderna".

## O MOITA



## MUY AMIGO

De um lado a PUC ameaçando fechar as portas. De outro, certas coisas que deve ser fácil explicar mas entender é que são elas. Sem querer este jornal ficou sabendo que a Universidade tem um contrato com o "Tomador-de-conta" do estabelecimento do Prédio Novo em que este paga 30% daquilo que auferir todo mês (ano passado era 40%). Isto representa cerca de Cr\$ 120.000,00 pagos à PUC. Fazendo as contas, ele leva cerca de Cr\$ 280.000,00 mensais. Além do fato em si, ser um espanto, não se encontra no estabelecimento uma mísera máquina registradora. Quer dizer, as contas são feitas na orelhada.

## REVELANDO A PAULICÉIA

A Secr. Cultura da Prefeitura começou em abril o Circuito Cultural. Consta este programa de uma linha de ônibus que faz o circuito pelas casas do Patrimônio Histórico. O horário é aos domingos das 9 às 17 h e sai do Pátio do Colégio. Pois os monitores em sua totalidade, que acompanham o público pelas casas do Bandeirante, do Sertanista, Capela do Morumbi, Casa do Grito, Sítio Ressaca, são estagiários da disciplina Prática de Ensino, em História. São 50 estudantes de graduação, supervisionados pela quartanista Nina Lomônaco. "A experiência está sendo inscível", garantem.

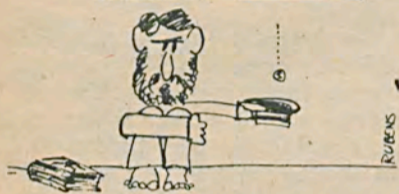
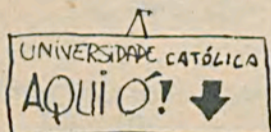
## NOSSOS AUTORES

A Profª Maria Lúcia Santaella Braga lançou recentemente seu livro "Produção de Linguagem e Ideologia", da Editora Cortez.

**SEMANA DO ASSISTENTE SOCIAL: POUCA GENTE**

Dia 12 a 16/6 o Depto. de Prática da Faculdade e o CA de Serviço Social promoveram uma série de debates que marcaram a Semana do Ass. Social. A presença das estudantes foi pequena, o que aliás foi motivo de reflexão dentro da própria Semana. Considerou-se que tal desinteresse vem em parte do afastamento dos indivíduos mais engajados frente ao conjunto dos estudantes. Também a ideologia do conformismo e passividade é decorrente da repressão dos últimos 16 anos.

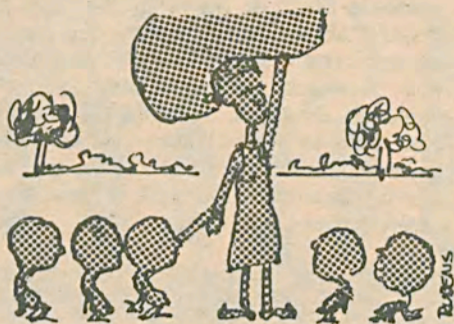
Durante a Semana discutiu-se acerca de Movimentos Sociais Populares, Possibilidades de Atuação do Assistente Social, Canais de Participação dos Estudantes, Conjuntura Política. O encerramento foi uma alegre festa do 1º aniversário do CASS.



**FALTA DE GRANA**

É... a verba não chegou ainda. A Reitoria telefonou mais de 10 vezes ao MEC e o Secretário Geral Tarcísio Della Senta prometeu tratar do assunto com todo interesse junto à SEPLAN. Foi mandado também um telegrama diretamente ao Min. Delfin Netto. Ao que parece há interesse do MEC em ajudar a PUC, a qual, segundo eles seria a primeira a ser ajudada. Se chegarem 15

milhões, dá para aguanter mais 2 ou 3 meses, segundo a Reitoria.



**EDUCAÇÃO POPULAR**

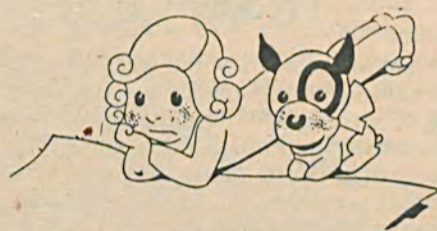
O "Dia da Educação Popular" promovido por professores do Centro de Educação reunirá, dia 19/6 às 19 h na sala 222 do Prédio Novo, especialistas do calibre de Maria Nilde Mascellani, Elza Lobo, Gilberto Gorgulho e Frei Betto.

**ECONOMIA REFORMA CURRÍCULO**

Comenta-se com bastante esperança a proposta de um novo currículo para a Fac. Economia. Assim, seria abolido o esquema de pré-requisitos e co-requisitos, as matrículas dos alunos seriam feitas por disciplinas de tal forma que os alunos teriam maior responsabilidade na elaboração de seu programa de estudos. Além disso, os programas das disciplinas foram mesmo feitos de forma a se constituírem em unidades até certo ponto independentes das demais. A reforma obedece a uma perspectiva mais ampla além de procurar formar o Economista para um mercado de trabalho de caráter dinâmico e fluido. O detalhamento do projeto contou com a participação ampla dos docentes, de representantes de classes e estudantes que espontaneamente se ofereceram para colaborar.

**IEE PROMOVE**

- 1 - O "Grupo de Defesa dos Negros" iniciativa do Prof. Abdias do Nascimento começa a se reunir no IEE aos sábados.
- 2 - O livro de Flávia Schilling foi lançado dia 12/6 no Tuquinha. Promoção conjunta com DCE, CBA, APROPUC.
- 3 - O IEE participa do "Centro de Defesa dos Direitos e Promoção do Migrante", no Ipiranga (Igreja N. Sr.ª das Graças). O Instituto participou desde o levantamento inicial de dados até sua implantação.
- 4 - De San Salvador, Mons. Ricardo Urioste - vigário geral - enviou telegrama ao Instituto agradecendo a solidariedade manifestada por ocasião do assassinato de Dom Oscar Romero.
- 5 - Finalmente lançado o "Informativo Popular Latino-Americano" que pretende divulgar todas as experiências populares, em edições bilingues. No nº 0, notícias sobre El Salvador, sobre o Congresso de Teologia de fevereiro, sobre o Paraguai, o problema da terra no Brasil. Pedidos pelo tel. 263-0211 ramal 343.



**CRECHE**

A venda de discos "Marcus Pereira" feita no ano passado, em colaboração com o PORANDUBAS, deu para comprar aquecedor de marmita, brinquedos do páteo, dez colchonetes, aparelho de som e caixas acústicas, etc. Quem quiser participar de futuras promoções procure pelo ramal 397.

Já começaram as reuniões mensais com pais e funcionários. Foi solicitada uma Orientadora. No fim de junho será feita a Festa Junina: todos convidados.



O time do "22 de agosto" PUC BOA DE BOLA

Dias 10 a 18/5 realizaram-se os IV Jogos Jurídicos que reuniram 80 atletas das faculdades: FMU, São Francisco, Mackenzie, São Bernardo e nós. Os jogos se realizaram no Ibirapuera, em Santo Amaro e na Vila Alpina. Concorremos em todas as modalidades: Futebol de Salão e de Campo, Vôlei, Basquete e Handebol (os 3 últimos com equipes masculina e feminina), tênis de mesa e de campo e xadrez.

O resultado? Pois evoluímos de um inquietante e permanente 3º lugar para um glorioso 2º lugar. Só não pegamos o 1º lugar porque perdemos de 2 x 1 da FMU no último jogo de Futebol de Salão. Assim a São Francisco pegou o 1º lugar.

Como destaque, a atuação da equipe feminina de handebol, que foi campeã, com apenas 3 meses de organização, treinada pelo Celsinho. No último jogo, duas meninas quebraram a perna. Outra coisa que se descobriu é que o pessoal, o Sócrates também não... perderam dois! No tênis de mesa, a PUC é imbatível, o Mário Tyó nunca perdeu um campeonato.



"Geraldo Filme"  
O crioulo que com seu  
inconfundível balanço, faz de sua  
obra a história do samba paulista.



"Raíces de América"  
O espetáculo revelado  
imortalizado através  
deste maravilhoso LP.



"Rosa Maria"  
a cantora  
consagrada pela  
em seu primeiro  
LP - solo.

Estúdio Eldorado: Uma revolução na música gravada no Brasil. Você pode adquirir estes Lps, ou qualquer outro abaixo relacionado diretamente em sua casa. Ligue 230-3463 e faça já o POST WAY. Os Lps simples custam Cr\$ 290,00 e os duplos Cr\$ 300,00

**ATENÇÃO:** Na compra de 5 Lps você leva grátis o LP "Eldorado 1979" - o disco do ano. Eis os outros lançamentos do Selo Eldorado

- "Raíces do Jazz" - Tradicional Jazz Band
- "Teddy Wilson: 3 little words" / "Paulo Vanzolini"
- "Nelson Sargento" / "Edu da Gaita"
- "Carlos Poyares" - Chorinhos
- "Zequinha de Abreu" / Chiquinha Gonzaga
- "Vadico" - parceiro de Noel Rosa
- "Guilherme de Brito" / "Madalena de Paula"
- "Laurindo de Almeida"
- "Benito Juarez" - Orquestra Sinfônica de Campinas
- "Cláudio Brito" / "Sarau Brasileiro"
- "Um Piano dentro da Noite" - Moacir Peixoto

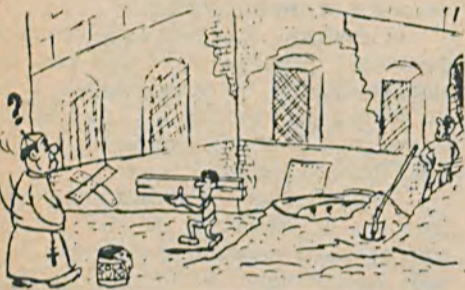
E a famosa série "Um Piano ao Cair da Tarde" em 4 LPs: volumes I e II Nacional e volumes I e II Internacional

Também em K-7



### FALTA DE GRANA (em tempo)

Do MEC chegou a notícia de que virão (sem data prevista) 7 milhões. A PUC se viu obrigada a tomar emprestados 20 milhões junto a bancos particulares, a fim de não atrasar mais os pagamentos de Sorocaba, Direito e Economia. Quanto aos pagamentos de maio, dependem da chegada da verba e da entrada das mensalidades.



### ESTATUTOS E CONS. COMUNITÁRIO

O C. Comunitário dividiu-se em comissões que analisaram o projeto I dos Estatutos. Concluiu-se que o projeto apresenta distorções, faltando-lhe maior unidade, a qual seria dada - segundo o Conselho - por uma visão de Universidade-em-comunicação com a Sociedade. Concretamente essa idéia levaria a uma PUC voltada para o po-

### Bolsas Integrais de Liderança

O experimento de convivência internacional oferece bolsas integrais de liderança no exterior. Os candidatos deverão liderar grupos de intercâmbio para "Programa de Intercâmbio Cultural", participando também de todas as etapas do programa.

Requisitos necessários para liderança: ter mais de 11 anos; fluência no idioma escolhido; e flexibilidade para lidar com pessoas e situações inesperadas. Inscreva-se já.

### 'Experimente o mundo através do experimento'

Programas de grupo para julho:

- Califórnia - saída 28/6
- 4 semanas de curso de inglês na Universidade de Berkeley
- Atividades esportivas, culturais e recreativas.
- 2 semanas de convivência familiar
- 1 líder durante todo o programa.
- Inglaterra - saída 28/6
- 3 semanas de curso de inglês na King's Bournemouth
- 10 dias de convivência familiar
- City Stay em Londres
- Atividades culturais e recreativas
- 1 líder durante todo o programa.

Maiores informações à  
Rua Barão de Capanema, 220  
Telefones: 853-5497 ; 280-6071

vo, dando-lhe assistência em seus projetos, dentro da "opção preferencial pelos pobres" feita pela Igreja. São propostas: que a Univ. seja um espaço crítico de conscientização da realidade social da A.L.; que aqui se crie uma cultura que negue as dominações e alienações; que os profissionais que aqui se formam sejam capazes de interferir na mudança social em prol dos interesses das classes populares. Para realizar essas tarefas é preciso garantir a autonomia a autonomia interna e externa da Univ.

Para encarnar o diálogo nas estruturas da PUC é preciso: garantir a ampla representatividade dos setores; garantir integração entre órgãos, setores e atividades afins, através de condições que garantam a seriedade e de rigor das atividades universitárias. Os Estatutos devem ser marcados ainda pela simplificação de estruturas (princípio de desburocratização) e que as decisões sejam tomadas pelos órgãos diretamente interessados. Finalmente, que os Estatutos garantam um intercâmbio direto e sistemático entre as diversas ciências e serviços numa verdadeira interdisciplinaridade.

### CENTRO DE JURÍDICAS E ECONÔMICAS

1 - Atrasos de salários: Em recente reunião do Centro, professores levantaram a questão de ser simplista o critério de deixar para o fim o pagamento da folha daquele Centro quando ocorre atraso. Estão sendo estudadas propostas a serem encaminhadas à Reitoria acerca de critérios mais justos.

2 - O prof. José Canosa Gonçalves Neto assume o Depto. Direito Penal. Ele anuncia sua intenção de trabalhar na reforma do currículo da Faculdade, integrando por exemplo a disciplina de Medicina Legal, além de fazer de Direito Penal um curso profissionalizante direcionado ao curso profissionalizante de nível humano e que promova a partir de agosto Seminários e Debates que dêem forma à preocupação por um posicionamento dentro da Sociedade.



### DEFESA DO MENOR

1 - O Movimento em Defesa do Menor (cf. Porandubas nº 29) está levando um projeto de pesquisa interdisciplinar sobre "As causas da Prostituição" na "Boca do Lixo", além de atender às jovens que participam desse contexto.

2 - O MDM fez ficha de todos os jovens que guardam carros nos arredores da PUC, dando-lhes carteirainha do MDM, documentação e encaminhando-os para empregos. O MDM também fez contato com a 23ª Delegacia tentando apurar as causas de prisões arbitrárias desses menores.

3 - O MDM realizou dias 10 a 25/5 a 1ª Feira de Livros para Crianças e Jovens contando com a presença de escritores como Lourenço Diaféria, Antonieta Dias de Moraes, Ruth Rocha, etc. Compareceram crianças da FEBEM e de várias escolas de Perdizes.

4 - Lia Junqueira, presidente do MDM em decorrência da acusação que sofreu de calúnia, difamação e injúria contra o Pres. da FEBEM, vem recebendo apoio de escritores, sociólogos, professores da PUC, mães de menores, ex-menores, bem como de Instituições. Todos reconhecem a veracidade das declarações de Lia. Além desses ainda se solidarizaram os 25 deputados da CEI-

do Menor e o Presidente da CPI, sen. Quéricia.

5 - O MDM vem trazer seu protesto a um aluno do Curso de Inglês da PUC, que por suspeita acerca de um menor que guardacarros, levou-o à 23ª Delegacia, numa atitude arbitrária e ilegal. Constatando-se a inocência do jovem, o MDM foi acionado para liberá-lo. Outro jovem também sofreu ameaças, tendo um outro aluno, que não queria pagar os Cr\$ 20,00, apontado um revólver para sua testa.



### TESES

1 - "UMA LEITURA DA 'OTREDAD' NOS ENSAIOS DE OCTAVIO PAZ". M<sup>a</sup> Lúcia F. de Almeida. Dia 24/6, 10h. Orienta: Willy Bolle.

2 - "O DECÊNIO MORGADO DE MATEUS (1765-1775) NA CAPITANIA DE SÃO PAULO: UMA EXPERIÊNCIA DE GOVERNO INSTRUÍDA PELO MARQUÊS DE POMBAL". M<sup>a</sup> Lúcia Bertachini. Orienta: Ivone Avelino. Dia 27/6 às 14.30h.

3 - "UM ESTUDO DA LETRA 'X' EM PORTUGUÊS". Heloisa R. Próspero. Orienta: Regina Célia Silveira. Dia 1/7 às 15.30 h

4 - "UM ESTUDO DE PALAVRAS CHAMADAS DENOTATIVAS". Marlene K. de Matos Paulo. Orienta: Ana M<sup>a</sup> Cintra. Dia 2/7 às 14 h.

5 - "QUESTÕES FUNDAMENTAIS SOBRE A LINGUAGEM NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER". Thaís Curi Beaini. Dia 25/6 às 15.30 h.

6 - "COMPONENTES POLÍTICOS DO PLANEJAMENTO SOCIAL - MOBILIZAÇÃO E SERVIÇOS SOCIAIS". Maria Ignês Bierrenbach. Orienta: Evaldo Amaro Vieira. Dia 25/6 9 h.

### 3º CONGRESSO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS

Este Congresso será realizado entre os dias 30/7 a 2/8. Promove o Instituto de Pesquisas Linguísticas "Sedes Sapientiae" para Estudos de Português. O tema é "A Gramática Portuguesa na Pesquisa e no Ensino" e se destina aos sócios da "Rede entre Professores de Português", associação mantida pelo Instituto, bem como a todos os professores de português que desejarem renovação. Informações pelo tel. 62-7640 ou pelo ramal 315.



As máquinas modernas já não batem mais esta foto; ela é do início dos anos 60. É o esquadrão do Grêmio Esportivo da Fundação SP. O campo era uma várzea perto do restaurante "Ilha" e o jogo era em comemoração do aniversário da PUC, 22 de Agosto. O time, da esquerda para a direita, a partir de cima é formado pelos craques: Adilson, Zé Roberto, Sebastião, Vasco, Geraldinho (naquele tempo: hoje é Geraldão), Sr. Antônio, Ary (já era careca), João, Aluí-



### CADERNOS CULTURAIS

• COMUNIDADES UNIVERSITÁRIAS DE BASE •

### COMUNIDADES UNIVERSITÁRIAS DE BASE

Iniciada em 1976, a experiência das CUBs atualmente reúne 10 grupos, cujo horário de reunião está exposto na sala 53 do prédio novo. Além disso, acabam de lançar seus CADERNOS para todo o país, com participação editorial de Cortez Editora e Autores Associados. O objetivo dos CADERNOS é fazer circular no meio universitário uma voz nova na construção de uma experiência humana e cristã madura, que leve adiante as transformações da realidade brasileira.

### PSICOLOGIA DO LULA

O Núcleo IV-B para alunos de Psicologia desenvolverá no 2º semestre o tema "Psicologia e Educação Popular", voltado especificamente para o trabalhador urbano. São 3 etapas: Processos sociais e educação popular; Caracterização psicológica das camadas populares; Formas de Educação Popular. O estágio correspondente será o estudo do processo educativo ocorrido no movimento operário do ABC, especialmente São Bernardo, e suas bases psicológicas.

### GREVE EM SOROCABA

Os professores de Medicina e Enfermagem terminaram a greve, após receberem o pagamento de março. O pagamento de abril e maio sairá até dia 10 de julho. Foi montada também uma ampla comissão com representantes de todos os setores (inclusive da Associação de Docentes de Sorocaba) para oferecer subsídios para a manutenção do Centro.